

EXPERIÊNCIAS DE MULHERES. DESTINOS DE GÊNERO*

Este texto é para Dona Luzia “que nunca conheceu a porta de um colégio porque não teve ‘direito’ ”.

Elisabeth Souza Lobo**

RESUMO: O objetivo deste texto é refletir sobre a construção da experiência de operárias de uma indústria de auto-peças de São Paulo, a partir de suas narrativas de vida. A análise de como as trabalhadoras pensam e representam as circunstâncias de sua vida e de seu trabalho se faz a partir da descrição do trabalho na fábrica, de suas trajetórias de vida e das trajetórias profissionais: o trabalho doméstico e o trabalho assalariado, as práticas familiares e a carreira, as relações familiares e de trabalho, a migração e os projetos para o futuro. O fio condutor desta reflexão é a interrogação sobre as condições de formação de uma experiência coletiva das operárias e sobre as formas de representação desta experiência. Como conclusão, busca estabelecer relações entre estas experiências e a idéia de destino, entre as práticas desenvolvidas na vida cotidiana e as representações que têm as operárias sobre si mesmas, sobre suas vidas e sobre as mulheres.

UNITERMOS: Mulheres operárias: experiências e representações, histórias de vida.

Introdução

O objetivo desta comunicação é de refletir sobre a experiência de três operárias, a partir de suas histórias de vida.

* Este texto é o resultado de uma pesquisa realizada entre março e julho de 1986 em São Paulo, juntamente com Robert Cabanes (ORSTOM) e Marie Agnès Chauvel. Foi apresentado na mesa-redonda internacional sobre “Rapports sociaux de sexe: problématiques, méthodologiques, champs d’analyse” organizado pelo Atelier Production-Reproduction (APRE)/IRESCO/CNRS em Paris, novembro de 1987.

Agradeço a Fundação Ford e a Fapesp que apoiaram distintos momentos deste trabalho e aos diretores e funcionários desta empresa que se dispuseram a colaborar na pesquisa.

** Professora do Departamento de Sociologia – FFLCH-USP.

Utilizei aqui o conceito de *experiência* tal qual foi definido por E. P. Thompson: “resposta mental e emocional seja de um indivíduo ou de um grupo social a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”¹. O conceito parece-me adequado na medida em que permite articular trajetórias e representações das operárias, quebrando a dicotomia objetividade/subjetividade, que me parece levar sempre a um impasse, tanto nas pesquisas que trabalham com histórias de vida, quanto naquelas que se pretendem “objetivas” e por conseguinte capazes de separar a experiência real do imaginário vivido, a objetividade dos acontecimentos da subjetividade em que são vividos.

Refletindo sobre como trabalhadores e trabalhadoras “consideram e explicam as circunstâncias da sua vida” e do seu trabalho², procurei seguir as mesmas trilhas de Barrington Moore, colocando como questão articuladora da pesquisa a problemática da dominação. E se toda a pesquisa, como toda narrativa é um agenciamento³, a construção de um olhar, coloquei-me no ângulo da experiência da dominação, através da fala de três operárias. Voluntariamente renunciei a qualquer preocupação de representatividade quantitativa ou a uma escolha de casos típicos. Estudei três experiências, três respostas ao cotidiano do trabalho, à divisão sexual do trabalho, três itinerários individuais diferentes, reorganizados em torno a dois eixos: 1) o trabalho; 2) a experiência do destino.

Como conclusão procurei estabelecer uma relação entre experiências e destino, entre as respostas dadas aos acontecimentos vividos e as representações de Luzia, Nair e Belisa sobre si mesmas, suas vidas e sobre as mulheres.

O Trabalho

As três operárias cujas histórias de vida estão na origem desta reflexão: Luzia,

1 Ver THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 15.

2 Ver BARRINGTON MOORE JR. *Injustiça*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 9.

3 Ver BARTHES, Roland. Introduction à l'analyse structurale des récits. *Communications*, Paris, n. 8, p. 1-27, 1966.

Nair e Belisa, trabalham numa indústria de autopeças⁴, na seção de usinagem, operando tornos, furadeiras e fresas.

A partir de suas narrativas, coloquei uma primeira questão: o lugar do trabalho nas suas experiências.

Luzia, Nair e Belisa trabalharam desde muito jovens, ajudando aos pais na agricultura, ou como assalariadas. Continuaram a trabalhar para poderem educar seus filhos, o que fizeram e fazem praticamente sozinhas⁵. A relação ao trabalho é não apenas permanente, mas determinante na organização de sua vida. A análise destas práticas sugere a distinção de dois tempos: o tempo de trabalho ligado à sobrevivência, no campo ou em casa, no cotidiano, e, o tempo de trabalho assalariado, que remete a um emprego e que produz a separação entre trabalho doméstico e o emprego em termos de espaços e relações. Por outro lado, as diferentes práticas de trabalho se articulam, se superpõem e se impõem na vida destas mulheres sem lugar para qualquer escolha. O trabalho doméstico faz parte da condição de *mulher*, o emprego faz parte da condição de *mulher pobre*.

O trabalho doméstico não é dividido com o marido ou os filhos, mas entre as mulheres da família ou a ela agregadas, estando na origem de migração das mais jovens que chegam a São Paulo para “ajudar” irmãs ou primas e por seu lado chamam as mães, irmãs e primas para ajudá-las quando nascem seus filhos.

O trabalho assalariado tampouco é fruto de uma escolha: as mulheres não aprendem uma profissão, procuram emprego através da rede familiar, dos amigos, ou simplesmente percorrendo as ruas dos bairros industriais em busca de anúncios de emprego, de informações ou eventualmente da boa vontade de algum vigia que lhes apresente a “um chefe”. A carreira, as mudanças de uma fábrica para outra, de um ramo industrial para outro, são determinados pelas oportunidades do mercado de trabalho. Neste sentido, as trajetórias ocupacionais das três operárias são significativas:

4 A fábrica B. situada num bairro industrial de São Paulo é uma empresa de porte médio, pertencendo a duas famílias de origem italiana. No momento da pesquisa a fábrica empregava aproximadamente 700 empregados dos quais 20% eram mulheres. A empresa familiar se desenvolvia com o milagre econômico dos anos 70, atravessara uma crise no início dos anos 80 e se beneficiava naquele momento de uma nova expansão. Os locais da fábrica eram bastante precários e antigos: um grande galpão abrigava várias seções, pequenos galpões agregados completavam o espaço original. No andar superior que contornava parte do local de trabalho com um corredor aberto, estavam pequenas salas para a administração e a parte do refeitório e banheiros, num bloco fechado com vidros. Os escritórios dos técnicos estavam instalados no meio e ao final do galpão principal. A produção da fábrica se centrava em auto-peças destinadas a algumas das principais montadoras da indústria automobilística.

5 Ver os retratos em anexo.

Belisa – ajudante numa indústria plástica – numa metalúrgica – numa fábrica de bijou-terias – soldadora na fábrica B. – operadora de máquinas na mesma fábrica.

Luzia – costureira numa fábrica de móveis – soldadora numa indústria de material de telecomunicações – operadora de máquinas na fábrica B. É ainda costureira a domicílio nas horas vagas e nos períodos de desemprego.

Nair – ajudante na fábrica B. há 9 anos, tendo percorrido várias seções: prensas, montagem, usinagem.

Nestes deslocamentos não há nenhuma possibilidade de “fazer carreira”. As três operárias desenvolveram habilidades, saberes práticos que tornam possível trabalhar em funções diferentes sem nunca terem formalizado suas competências. As funções ocupadas freqüentemente não correspondem às funções registradas na carteira de trabalho – prática corrente na indústria brasileira. Tampouco os salários correspondem às funções. A grade de salários é variável segundo critérios de antigüidade, para uma mesma função. Assim, Nair é operadora, registrada como ajudante. Belisa foi soldadora, tornou-se operadora, sempre registrada como ajudante mas ainda ganhando o adicional de salubridade que corresponde à função de soldadora. Luzia é operadora. São todas polivalentes – tendo trabalhado em praticamente todas as seções: montagem, usinagem, tornos, prensas, solda, pintura. Nunca trabalharam, no entanto, na ferramentaria.

A idéia de uma profissão se coloca para Luzia: reconhece a necessidade de um emprego fixo numa empresa, mas preferiria ser costureira. Gosta de bordar e pensa instalar-se por conta própria depois da aposentadoria. Enquanto isto, compra, experimenta, vende máquinas de costurar e quando possível costura à domicílio.

Nair e Belisa nunca tiveram uma profissão. Belisa fez o primeiro ciclo da escola secundária e examinou a possibilidade de fazer um curso de datilografia, mas se dá conta de que seus estudos são insuficientes para chegar a uma situação razoável num escritório e que finalmente, na produção, ganha mais do que uma simples datilógrafa. Elabora rapidamente uma economia de suas possibilidades e necessidades para chegar à conclusão de que para ela, só um emprego melhor pago seria interessante, tendo em vista suas obrigações familiares. Tem uma avaliação prática de suas possibilidades e de seus conhecimentos, o que a faz excluir do campo do possível seu sonho de se tornar jornalista ⁶.

⁶ Nas três narrativas, as observações de Bourdieu sobre a estreita relação entre probabilidades objetivas e aspirações subjetivas não se revelam extremamente adequadas. Sobre isto ver BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Droz, 1972, p. 176.

Nair só pode comparar o trabalho agrícola que fez e o trabalho nas diferentes seções da mesma fábrica. Desta comparação conclui que já não pode suportar o trabalho no campo e afasta-o de seu universo possível.

Mas os projetos de carreira não existem para estas três mulheres. A possibilidade de escolher o seu trabalho depende de alcançar uma situação em que estejam garantidas as necessidades mínimas (a aposentadoria para Luzia); ou a carreira permanece um sonho (Belisa) ou está completamente ausente dos projetos (Nair). As três mulheres têm no entanto uma opinião muito precisa sobre o trabalho que fazem na fábrica.

Vejamos, em primeiro lugar, o que concerne à relação com as máquinas, muito presente nas falas das operárias e claramente associada a um sentimento de competência, de eficácia, de polivalência e mesmo de um relativo controle do tempo de trabalho de cada uma. A relação com as máquinas começa por uma preferência pelas máquinas, em oposição ao trabalho “*manual*” de montagem, considerado *monótono*. A montagem é talvez mais desvalorizada porque executada exclusivamente pelas mulheres, enquanto que nas máquinas trabalham homens e mulheres. Também o conhecimento das máquinas implica num saber prático, numa habilidade, num conhecimento adquirido. Daí a satisfação que proporciona, em oposição à monotonia da montagem de pequenos elementos, onde a habilidade parece natural e não um conhecimento que se adquire, onde não se *controla* uma máquina.

Luzia declara que gosta das máquinas⁷, especialmente dos tornos, porque são violentos, perigosos e permitem “terminar rapidamente o trabalho”, porque se produz a cada vez 1, 2, 3 mil peças. Ela as opõe às furadeiras, lentas e monótonas, “em que o trabalho não rende porque é preciso fazer 14, 15 mil peças de cada vez”. É preciso distinguir aqui, de um lado, a ilusão da velocidade relacionada com a quantidade de peças que é preciso fazer durante a jornada. Mesmo sem variar a jornada de trabalho, uma quantidade de peças por fazer prolonga a sensação do tempo e a monotonia. Por outro lado, há também um sentimento de satisfação relacionado com o *domínio* da máquina e o controle do torno, considerado mais importante. A mesma satisfação aparece na fala de Nair que prefere as grandes prensas “porque são práticas e rápidas, ajudam...” mesmo sendo perigosas.

É preciso considerar que as representações da divisão sexual do trabalho presentes nas falas de Luzia, Nair e Belisa estão provavelmente marcadas pelo fato de que as três fazem tarefas que também os homens fazem. Elas não vêem diferença entre homens e

7 Lembro as máquinas experimentadas pelas três operárias na fábrica B.: Luzia – tornos, furadeiras, fresas; Nair – prensas, furadeiras, fresas; Belisa – soldadeiras, furadeiras, fresas.

e mulheres no que diz respeito às capacidades de cada um(a). Acreditam que as mulheres são capazes de fazer o que fazem os homens “quando querem”. Nair diz: “aqui as mulheres fazem tudo, já vi mulheres em todas as máquinas, salvo no torno maior”. Se as disposições biológicas não parecem inquestionáveis, as disposições “da vontade” parecem ser mais importantes: os homens seriam (e são) capazes de operar as furadeiras e fresas, à condição de “quererem trabalhar nelas”. Os argumentos não são naturalizados, a divisão sexual do trabalho é percebida como uma construção histórica e como uma relação de *submissão/resistência*. Os homens não trabalham em algumas máquinas porque não gostam, porque trabalham mal são considerados incompetentes para operá-las. As mulheres também podem trabalhar em qualquer máquina, desde que queiram. Esta visão da divisão sexual do trabalho tem certamente a ver com a história local da empresa onde o caráter informal e não planejado da gestão parece ter favorecido a intercambiabilidade das tarefas entre operários e operárias, mesmo se as mudanças nos padrões da divisão sexual do trabalho – que exclui as mulheres das grandes prensas e lhes reserva o trabalho nas furadeiras, fresas – foram datadas e provisórias. Através das diferentes narrativas, as modificações nos padrões tradicionais foram assinaladas. As mulheres efetivamente trabalharam nas grandes prensas ao lado dos homens, na solda, na pintura e decapagem – o que já não fazem mais de maneira sistemática (há no entanto uma mulher que permaneceu na sessão de pintura fazendo o trabalho mais artesanal). Os argumentos que justificam a volta aos modelos tradicionais remetem a várias ordens de questões:

1. Na fala das chefias, o trabalho nas prensas é considerado muito perigoso e pode provocar mutilações que são duplamente dolorosas para as mulheres, na medida em que os defeitos físicos prejudicam não apenas suas capacidades para o trabalho mas paralisam sua aparência física, o que para as mulheres é muito importante. As operárias, de seu lado, não falaram em medo de acidentes, enquanto que os contramestres e supervisores mencionavam freqüentemente reações nervosas das mulheres que não podiam mais ouvir o ruído das prensas depois de terem sofrido algum acidente. Para as operárias, a decisão de não mais empregar mulheres na estamparia era atribuída a uma política de gestão da diretoria de ordem não humanitária.
2. As mudanças na divisão sexual do trabalho nas outras seções de solda, decapagem, pintura, eram atribuídas às pressões sindicais, na medida em que o trabalho nessas seções é considerado insalubre. Esta era uma versão das operárias e seus chefes. No entanto, na fala de um contramestre da seção de solda era visível sua insatisfação face à performance de algumas mulheres que iam com demasiada freqüência aos banheiros, ficavam lá muito tempo conversando, etc. Esta insatisfação poderia estar perfeitamente na origem da transferência das mulheres, pois a

insalubridade não expulsara algumas mulheres da seção de decapagem nem da pintura. Por outro lado, a presença do sindicato na fábrica inexistia e sabia-se que as tentativas de reforçar a militância sindical haviam sido controladas pela direção e os ativistas afastados. A CIPA⁸ não tinha nenhuma autonomia, seus membros não dispunham de tempo para exercer fiscalização e segundo algumas falas mais ousadas “não faziam nada”. O argumento da insalubridade para justificar o afastamento das mulheres parecia ser mais um pretexto para justificar decisões que remetiam às relações entre chefias e operárias.

3. O trabalho das mulheres nas seções masculinas pode também ser explicado por fatores conjunturais: a expansão do emprego industrial em São Paulo⁹ e a escassez de mão-de-obra no período do *boom* industrial em São Paulo. Este fator se articula ao de uma cultura de empresa em que a informalidade do recrutamento, das relações e organização do trabalho privilegiam o recrutamento através de redes familiares e arranjos pessoais na formação das seções e uma improvisação generalizada, para a qual contribuía a ausência de formação profissional entre as chefias.

Os vários argumentos parecem-me reforçar a hipótese da sexualidade das relações de trabalho e da articulação trabalho/gênero nas situações que vivem operários e operárias na fábrica. As tarefas e as ferramentas não são vistas como sexualizadas. Mas os cargos, estes sim o são. Mesmo quando as três mulheres insistem no fato de que elas são capazes de fazer tudo o que fazem os homens e observam que estes não são muito hábeis para determinadas tarefas, elas explicam que os homens não querem aprender justamente porque se tratam de tarefas penosas. Os homens podem se recusar alguns constrangimentos. Homens e mulheres podem resistir quando querem. A resistência masculina é descrita como uma afirmação de poder, a das mulheres como negligência, irresponsabilidade, falta de interesse.

Na fala das mulheres, as relações com os homens aparecem marcadas pela diferença ou pela distância hierárquica. As duas atitudes favorecem uma relação de respeito, enquanto que as relações entre as mulheres se estabelecem em situações de

8 As CIPAS – espécies de comissões encarregadas de fiscalizar a segurança no trabalho são formadas por membros indicados pelas chefias e direção (50%) e eleitos pelos trabalhadores (50%). Na empresa B. funcionava uma só CIPA com 10 representantes. Conseqüentemente algumas seções não estavam representadas na CIPA.

9 Ver HUMPHREY, John. The growth of female employment in brazilian manufacturing industry in the nineteen seventies. *Journal of development studies*, 20 (3): 224-247. 1984.

promiscuidade, de igualdade mas também de competição, favorecendo os ciúmes, as “fofocas”. As falas insistem em que as mulheres “não se respeitam”, quando uma trabalha melhor é criticada pelas companheiras por estar querendo “agradar”. As mulheres são extremamente divididas entre elas. Assim, as três operárias não gostariam de ter uma chefe mulher, mesmo tendo uma delas uma irmã que é contramestre. Também afirmam preferir as seções com maioria de homens e acreditam que os chefes homens são mais compreensivos com as mulheres, “mais respeitosos”.

Observando os movimentos na seção em que Belisa, Nair e Luzia trabalham e analisando seus itinerários pessoais, talvez seja necessário salientar o papel das relações de negociação entre homens e mulheres nas relações de gênero. As mulheres negociam pequenas vantagens a partir de uma situação de inferioridade, os homens desempenham um papel de superiores. Na medida em que “se viram”, Luzia, Nair e Belisa negociam a partir de uma situação que as distingue das outras mulheres. A hierarquia que aceitam é negociada, trata-se de uma hierarquia sexuada, logo submetida a regras próprias de negociação. A superioridade dos homens é considerada inevitável. A superioridade das mulheres não é a regra, logo pode ser recusada. Tratar-se-ia de uma dupla negação, de uma *recusa do recusado*?¹⁰ A hipótese me parece válida desde que articulada com a experiência destas mulheres, como resposta às situações e acontecimentos que marcam as relações entre os gêneros, onde a hierarquia é clara e definitiva no que diz respeito às posições das mulheres face aos homens, enquanto que as posições das mulheres entre si têm a falsa aparência de uma igualdade quebrada pela concorrência nas situações de trabalho, pelas diferenças de salário aleatórias, pelas pequenas vantagens cuidadosamente silenciadas e tendo que ser renegociadas sob a forma de relações pessoais. De fato, tudo se passa como se existisse uma identificação e gênero (nós as mulheres, eles os homens), nós somos iguais entre nós é preciso negociar nossa singularidade numa relação com eles que são diferentes e que tem uma outra posição na fábrica. Isto como se cada homem fosse um operário face às mulheres indistintas e precisando negociar sua singularidade. A aceitação e o reforço da hierarquia não tem no entanto uma conotação de incapacidade pessoal para Luzia, Nair e Belisa, cujos itinerários têm um aspecto comum: *só podem contar consigo próprias*.

Para analisar as articulações entre os discursos sobre as práticas de trabalho e as narrativas de itinerários pessoais, destaquei alguns pontos comuns. Primeiramente as três mulheres são casadas, ou foram casadas. Mas o marido de Luzia abandonou-a onze anos depois do casamento, deixando-a só para sustentar seus cinco filhos, grávida de

10 Ver BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève, Droz, 1972, p. 177.

mais outro; o marido de Belisa está na prisão e teve constantes problemas com a política; o marido de Nair “não conta”, está desempregado, bebe e não a ajuda a criar seus filhos. As três mulheres se consideram capazes de sobreviver sós, mas compartilham um destino de mulheres construído pela família, os filhos para cuidar, enquanto que os homens não parecem ter um destino, seus caminhos podem ser feitos e refeitos. Esta é a fala de Luzia. Foi escolhida por seu marido, o que era natural pois sendo mulher, ela deveria ser escolhida, acompanhar seu marido e liberar o tio que a criara do encargo que isto representara. O marido partiu para São Paulo e ela o acompanhou. Foi preciso trabalhar, nasceram as crianças. O marido tinha outras mulheres, era natural, ele tinha sua liberdade. O marido deixou-a, ela ficou com os filhos para criar. Na sua fala, sua vida está ligada à família, ao marido, aos filhos. A figura do marido é inevitável, faz parte do seu destino enquanto mulher.

Na elaboração desta idéia de destino relacionada à experiência das mulheres, outros componentes são importantes, e, em particular, o trabalho doméstico. As narrativas de Luzia, Nair e Belisa remetem a uma divisão do trabalho doméstico muito rígida, enquanto trabalho das mulheres. “Meus irmãos não ajudam nunca, eles trabalham, comem e dormem” (Belisa). Os filhos de Luzia tampouco ajudam na casa. A desigualdade na divisão das tarefas é vivida como uma relação natural, que os homens podem mudar quando querem, conservando sempre a possibilidade de escolha, de decisão. Luzia acredita que um homem deveria saber preparar “pratos especiais”, “os pratos de domingo”. Assim, a escolha e a criatividade está reservada aos homens; às mulheres cabe a rotina.

Por outro lado, o trabalho doméstico, naturalizado e invisível se distribui no interior da rede familiar, restrito à rede feminina em que as gerações se sucedem nas mesmas funções¹¹. A trajetória de Nair é exemplar: chegou a São Paulo para cuidar dos filhos de sua irmã, alguns meses depois começou a trabalhar. Quando seus filhos nasceram, ela, por sua vez, chamou uma prima que mais tarde por seu turno começou a trabalhar numa fábrica, enquanto que os filhos de Nair são agora cuidados por uma outra moça mais jovem e também migrante. Os itinerários no interior das famílias e das comunidades regionais tecem uma malha que articula os ciclos de vida familiar às gerações e às migrações. As articulações se reproduzem depois ao nível do emprego, das empresas, dos espaços urbanos, criando movimentos de construção, reconstrução e desconstrução dos grupos familiares, dos grupos regionais.

11 Ver CHABAUD-RICHTER, Danielle; FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique; SONTHONAX, Françoise. *Espaces et temps du travail domestique*. Paris, Librairie des Méridiens, 1985.

A experiência do destino

Nas narrativas das três operárias há um ponto em comum que unifica suas trajetórias: a idéia do destino.

Foi o destino que casou Luzia e que a fez partir para o Sul. É o destino sob a forma da *necessidade* que está embutido no trabalho doméstico como no trabalho assalariado. O trabalho, o casamento, a maternidade se sucedem naturalizados como os ciclos da natureza. Luzia explica que foi escolhida pelo marido, porque era o momento. O casamento e a maternidade ocorrem nos itinerários de Nair e Belisa confundidos à necessidade de sobreviver. E *sobreviver* significa "não pensar". "Penso pouco, porque... para que serve pensar?", diz Nair. "Deixei-me levar pelo trabalho, as crianças, quando pensei em mim, quando me acordei, quando descobri, já era tarde", disse Luzia. O sentimento de se abandonar diante das necessidades, de um ritmo de viver "tão rápido" (Luzia) se tornou um *hábito*¹² identificado ao trabalho. Trabalhar é um hábito que Luzia opõe ao de estudar e que estabelece a distância entre "nós trabalha, que nós tamo acostumada a trabalhar, nós só não trabalha em qualquer serviço se nós não tiver a boa vontade, a força de vontade", "se você não tem vontade de estudar você não consegue estudar, né? É que nem nós".

Na fala de Luzia o trabalho é um hábito integrado a seu ser, que a define em relação aos outros, aos que estudaram, por exemplo. Ao estudo ela diz que não teve *direito* porque era mulher pobre e o tio que a criou acreditava que "mulher aprendia a ler era prá escrever prá os homens". Seu destino era trabalhar. Por outro lado, é o trabalho manual que define sua identidade de classe¹³. Luzia fala longamente sobre nós "que faz o trabalho pesado". Comentando as novelas de televisão, diz "é com gentes altas. Nós não temos esse *direito*. Eles querem aquelas pessoas que entende muito de leitura, né? Entende muito de... como se diz? De música, de essas coisa assim, né? Da vida deles mesmo. *Quer dizer que nós só entende do martelo prá trás, né? Do martelo prá frente nós não entende nada*". E dirigindo-se aos pesquisadores, ela observa: "Com vocês eu sei que eu não posso trabalhá que eu não tenho leitura. Não dá".

12 BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris, ed. Minuit, 1980, p. 88.

13 Utilizo aqui o conceito de *classe* como define THOMPSON, E.P.: "E a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si e contra outros homens cujo interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus", in: *A formação de classe operária inglesa*. São Paulo, Paz e Terra, 1987, p. 10. (vol. I).

A identidade, o universo possível, a vida, são claramente definidas a partir do trabalho manual em oposição ao estudo, ao trabalho intelectual. Restaria a explorar em que medida esta representação do trabalho manual integra para as mulheres as formas do trabalho doméstico, diferenciando-se assim das representações masculinas do trabalho manual.

Mas se por um lado a resposta que Luzia elabora à repetição das práticas de trabalho nas suas situações de vida, faz de sua experiência um destino, por outro lado, o trabalho representa também o espaço da resistência que se opõe ao aniquilamento, ao embrutecimento que ela identifica na sua vida e na vida das mulheres. Ela explica “uma mulher que não trabalha é um monte, ... a pessoa que não trabalha tá amontoado. Ele não tá se explicando”... “Aquela pessoa que trabalha, ela tá vendo o que tá se passando, ela tá vivendo dia por dia, hora por hora, né? Quer dizer que a pessoa que não trabalha, ela só se dedica em comer, dormir, vestir e lavar alguma roupa. A mulher, né?... E nós que trabalha, nós tamo vendo o que se passa... Nós tamo sabendo que nós tamo fazendo uma coisa, um projeto prá nossa vida!”

Sua resposta à vida de trabalho, que é a sua, integra várias dimensões: em primeiro lugar o trabalho por ser inevitável aparece como parte de um destino imposto mas que pode ser dominado. Luzia viveu seu destino, dominou-o sozinha, “se virou” como repete freqüentemente. Sua narrativa insiste na solidão, no fato de que só podia contar consigo mesma uma vez que o marido abandonou-a. Por outro lado através do trabalho ela se sente “vendo o que se passa” diferente de “um monte”. Reserva assim um espaço de ação e de controle sobre o destino que aparece também nos projetos que tem, nas máquinas de costura que compra e vende, nos tornos que ela gosta de dominar, *fazer* funcionar. Seu espaço de ação autônoma aparece também quando decide aceitar a separação do marido. Ela que aceitara tudo, mesmo que ele tivesse outras mulheres, só não aceitou ser a única que trabalhava, tornar-se “escrava” das outras. Assim a experiência do destino se faz também por rupturas e resistências.

Um terceiro aspecto de sua fala sobre o trabalho reside na construção de uma identidade que associa “nós as mulheres que trabalhamos”, e “nós as pessoas que trabalhamos” diferenciando as mulheres que não trabalham. O trabalho está aqui na raiz de uma identidade comum entre mulheres. O trabalho não é apenas um instrumento para ganhar a vida mas articula uma identidade de mulheres trabalhadores.

As narrativas de Belisa e Nair, ao contrário são unívocas e lineares. Em suas falas os projetos individuais não aparecem, apenas a experiência que não integra o valor da resistência, como se ainda não tivessem experimentado este valor no hábito de viver, tanto na família, quanto no trabalho e na comunidade imediata¹⁴.

14 Ver THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 194.

Algumas conclusões

É a partir da experiência de Luzia e de suas colegas que coloco algumas reflexões sobre as relações entre experiências, identidades, destino e dominação¹⁵.

Em primeiro lugar a experiência no feminino se traduz na fala de Luzia de uma forma contraditória como destino e resistência. Em segundo lugar, esta experiência é percebida como uma repetição de condições e fatos comuns às outras mulheres (conforme o texto citado de E. P. Thompson).

Diz Luzia: "*uma mulher é uma peça fina*. Não é qualquer uma pessoa que pega uma mulher, que sabe o que uma mulher necessita. É um espírito humano. Mais humano do que o homem... Porque eu falo isso prá vocês não é por causa de leitura que eu não tenho. Eu falo isso pela minha carne, por mim mesmo." Aqui a experiência individual se descobre coletiva e identifica *nós as mulheres* face aos homens configurando ao mesmo tempo uma identidade e uma experiência de gênero.

Ao mesmo tempo, esta experiência é vivida como destino, como uma trajetória pré-fixada, que no entanto é preciso "saber levar porque se a gente não sabe ela leva a gente, né?"

Luzia elabora uma relação contraditória entre um sujeito e seu destino, uma mulher que se debate com seu destino de mulher.

Nas narrativas de Nair e Belisa, a identidade, o reconhecimento de experiências comuns, os espaços de resistência permanecem menos visíveis, não formulados. Cada uma vive seu destino individual mas que é identificado com um destino de mulheres¹⁶.

Todas elas também identificam as práticas e hábitos cotidianos de *pobres e ricos*, dos que *trabalham* face aos que *controlam*. Os destinos de uns, as decisões de outros. Luzia descreve detalhadamente os defeitos do apartamento que com sacrifício, comprou em um conjunto da COHAB: "tão pequenino, uma tristeza"... "eles deveriam ter feito a área de serviço, né?... Por exemplo uma sala melhor, mais grande. Aquele banheiro mais escondido, né?...". Ela tem idéias sobre o que seria uma melhor disposição das peças, mas avalia suas possibilidades e conclui: "Pobre é aquela dureza. *Tem que ir aonde o rico quer, né?*" Também Belisa observa que *trabalha mas não sabe*, que quem faz as peças não as conhece, nem sabe para que servem. "Mas deveria saber, né? Mas a firma funciona dessa maneira, *a gente não pode mudar, né?*"

15 Identidade está aqui empregada como cristalização e reconhecimento de uma experiência comum. Apesar da complexidade do conceito, mantenho-o porque é operatório para esta análise tratando de utilizá-lo na acepção de HABERMAS, Jürgen. *La reconstrucción del materialismo histórico*. Madrid, ed. Taurus, 1981, p. 22.

16 Ver BATTAGIOLA, Françoise. *Formes de la mise en couple et itinéraires individuels*. Paris, CNRS, 1984.

A idéia de uma ordem imutável na fábrica como na vida, a idéia de um destino tem a mesma origem nas práticas quotidianas e dá sentido à experiência como resposta a estas práticas que se repetem, individualmente e coletivamente.

As narrativas de Luzia, Belisa e Nair permanecem como falas individuais, traduzem experiências individuais mas remetem a uma experiência coletiva¹⁷ do grupo de mulheres nos vários espaços de vida quotidiana, dentro e fora da fábrica, no trabalho doméstico e no emprego. A experiência vivida da dominação aparece nas suas falas como destino.

ANEXO: **As personagens**

Belisa – 27 anos, nascida em São Paulo, completou estudos de primeiro ciclo. O pai era operário numa fábrica de produtos alimentares. Casada com dois filhos de 3 e 4 anos, vive com a mãe e cinco irmãos. O marido está na prisão.

Luzia – 42 anos, nascida no interior da Bahia. Sem pai, a mãe morreu quando ela tinha 3 anos, foi criada por um tio. Trabalhou no campo. Casou-se aos 14 anos e foi para São Paulo. Com 24 anos, cinco filhos e grávida seu marido abandonou-a. Tem dois filhos que moram em Brasília, dos quais pouco sabe, uma filha casada em São Paulo e três filhos que vivem com ela. Nunca estudou, sabe apenas escrever o nome e ler um pouco.

Nair – 34 anos, nasceu no Piauí. Veio para São Paulo com 25 anos para cuidar dos filhos de sua irmã. Alguns meses depois empregou-se na fábrica B. como ajudante. Tem dois filhos de 2 e 4 anos. Pediu para não falar no marido que estava desempregado, mas que recomeçara a trabalhar como ferroviário dois dias antes. Vive com o marido, uma

17 Ver KERGOAT, Daniele. *Les ouvrières*. Paris, Le Sycomore, 1982 e VARIKAS, Eleni. *La révolte des dames: genèse d'une conscience féministe dans la Grèce du XIX siècle (1883-1908)*. Paris, 1986. Tese (Doutorado) defendida na Universidade de Paris VII sob a direção de Mme. Michèle Perrot.

prima, também operária, uma menina para cuidar das crianças. A mãe vive ainda no Piauí onde Nair visita-a às vezes. Não conheceu o pai e estudou pouco, não mais do que dois anos.

LOBO, Elisabeth Souza. Women's experiences. Gender destinies. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1(1): 169-182, 1.sem. 1989.

ABSTRACT: This text's objective is to analyze the construction of women workers' experiences in the São Paulo auto-parts industry by examining their life stories. The analysis of how working women think and view their life circumstances and their work is based upon their descriptions of work in the factory, of their life and professional trajectories: domestic and wage labor, family practices and their careers, work and family relations, migration and future plans. This text's unifying thread is an examination of the formation of working women's collective experience and of the images resulting from that experience. In conclusion, it seeks to establish a relationship between those experiences and the idea of destiny, as well as between the practices developed in daily life and the images women workers have of themselves, of their lives, and of women in general.

UNITERMS: Working women: experiences and images, life histories.